

A CIDADE COMO CONTEXTO FORMADOR ARTÍSTICO-EDUCADOR DO OLHAR FOTOGRÁFICO

Vanessa Regina Trentin Zoraski^{1*}

Anibal Lopes Guedes^{2**}

RESUMO

Em uma sociedade saturada de imagens, na qual o olhar infantil é constantemente atravessado por estímulos visuais prontos e filtrados, este estudo propõe um retorno ao essencial “ver com profundidade a partir do olhar da criança”. A fotografia, compreendida como expressão artística e experiência sensível, é aqui explorada como dispositivo pedagógico capaz de estimular a autoria, a contemplação e a escuta visual na infância. A partir de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, fundamentada em autores como Sontag (2007), Hermann (2010), Ferry (1994) e Almeida (2015), o trabalho reflete sobre a educação estética das crianças frente ao universo imagético contemporâneo. Como desdobramento prático, apresenta-se a criação de totens fotográficos instalados em pontos históricos da cidade de Erechim-RS. Esses totens propõem interações poéticas com o espaço urbano, convidando crianças e passantes a exercitarem o olhar, a atenção e a sensibilidade. Como resultados desse estudo evidencia-se que os totens configuram-se como mediadores entre infância, arte e memória, promovendo experiências de autoria estética no cotidiano da cidade.

Palavras-chave: Fotografia; Educação estética; Arte; Fotografia na infância; Olhar Infantil

ABSTRACT

In a society saturated with images, where the child's gaze is constantly shaped by pre-packaged and filtered visual stimuli, this study advocates a return to the essential: “seeing deeply through the eyes of the child.” Photography, understood as both an artistic expression and a sensitive experience, is explored here as a pedagogical tool capable of fostering authorship, contemplation, and visual attentiveness in childhood. Adopting a qualitative, exploratory, and descriptive approach grounded in authors such as Sontag (2007), Hermann (2010), Ferry (1994), and Almeida (2015), this work reflects on the aesthetic education of children in the face of today's image-saturated world. As a practical outcome, the study presents the creation of photographic totems installed at historical landmarks in the city of Erechim, in the state of Rio Grande do

^{1*}Graduada em Design Gráfico e Pedagogia, especialista em Alfabetização e Letramento. Acadêmica da Pós-Graduação Stricto Sensu em Processos e Produtos Criativos e suas Interfaces - Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: vanessa.zoraski@estudante.uffs.edu.br.

^{2**} Professor e Orientador do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Processos e Produtos Criativos e suas Interfaces. Universidade Federal da Fronteira Sul. Pós-Doutor em Educação. E-mail: anibalguedes@gmail.com ou anibal.guedes@uffs.edu.br.

Sul, Brazil. These totems invite poetic interactions with the urban space, encouraging children and passersby to engage their gaze, attention, and sensitivity. The findings suggest that the totems function as mediators between childhood, art, and memory, fostering experiences of aesthetic authorship in the everyday life of the city.

Keywords: Photography; Aesthetic education; Art; Childhood photography; Child's gaze

1 PLANO GERAL - INTRODUÇÃO

Desde os primeiros traços de luz capturados até o deslizamento de dedos nas telas digitais, a fotografia atravessa os séculos inflamando o olhar humano. Como afirma Almeida (2015, p. 42), “[...] a fotografia como prática e como concepção entrou na esteira dessas transformações.” E mais: ela oscila entre ciência e arte, entre documento e poesia, entre verdade e ficção.

Hoje, o mundo é imagem. Respiramos pixels (Kist, 2010). O cotidiano é invadido por fluxos incessantes de fotografias - rostos, corpos, paisagens, afetos - tudo registrado, editado, filtrado e postado em mídias sociais que não dormem.

E nesse turbilhão visual, como as crianças estão? Elas crescem em meio a imagens prontas, embaladas para consumo, que moldam modos de ser, pensar e desejar.

Mas e se, ao invés de apenas “receber imagens”, as crianças pudessem também produzi-las? Uma provável resposta para esse questionamento, seria refletir sobre a educação estética das crianças. Podemos nos questionar: De que forma a sensibilidade e potência criativa das crianças estão sendo despertadas e nutridas nesse universo imagético que, embora abundante, nem sempre convida à criação, à autoria ou ao olhar poético? Como já observava Ferry (1994, p. 25), “o lugar-comum segundo o qual se diz que o belo é uma questão de gosto se tornou por fim realidade”. Nesse contexto, torna-se ainda mais necessária a retroalimentação do imaginário artístico infantil com referências que não apenas provocam o olhar, mas que também estimulem a criatividade e a autoria na expressão. Afinal, como o próprio autor complementa, já vivemos tempos em que “no fundo, trata-se sempre da questão ‘o que é para mim’” (Ferry, 1994, p. 27).

Quando uma criança segura uma câmera, ou mesmo um celular com outro propósito, e decide onde mirar, o que incluir, o que cortar, ela está narrando. Ela está

se posicionando. Está dizendo, sem palavras: "É assim que eu vejo." Nas palavras de Hermann (2010, p. 17), "tais experiências de liberação da subjetividade cumprem um papel formativo do eu."d

A fotografia, quando incorporada à vivência pedagógica, se revela como "muito mais do que técnica", ela é a sensibilidade estética ativada. É uma forma de "escuta do mundo" através dos olhos.

Quando crianças são provocadas a fotografar, não apenas registram; elas descobrem. Descobrem que há beleza, arte e história nos detalhes, nos cantos esquecidos, nas rachaduras das paredes, nas cores da cidade...

É nesse impulso que nasce a proposta/produto deste artigo: conceber a fotografia como prática educativa estética, sensível e artística. Para tanto, utiliza-se a cidade de Erechim como contexto formador-artístico-educador do olhar fotográfico.

Para dar subsídios a essa proposta, essa pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, voltada à compreensão das possibilidades da fotografia como dispositivo pedagógico. Conforme Foucault (apud Marcello, 2004), este é entendido como um conjunto heterogêneo de elementos discursivos e não-discursivos (discursos, instituições, leis, práticas, saberes etc.) articulados numa rede que produz e organiza sujeitos, no desenvolvimento da sensibilidade estética infantil. Desse modo, a primeira etapa da investigação consistiu em uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de levantar estudos e reflexões sobre o impacto das mídias digitais no comportamento infantil e o uso da fotografia no contexto pedagógico. O levantamento concentrou-se em produções científicas recentes, especialmente nos campos da Educação, Comunicação e Estética, envolvendo artigos, dissertações, teses e livros que dialogam com o tema.

A base teórica deste estudo se apoia em quatro contribuições fundamentais. Susan Sontag (2007) ao refletir sobre o poder da imagem como "sistema especial de revelação" que expande nossa percepção, retendo "o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens" . Nadja Hermann (2010), enfatizando que a experiência estética mobiliza "esse outro lado da razão – o sentimento, a sensibilidade, as emoções e o corpóreo", desempenhando um papel decisivo na formação do eu. Juliana Gisi Martins de Almeida (2015), introduz o conceito de "dispositivo vazio", mostrando que a câmera só ganha significado estético quando ativada pela intenção e pela ação de quem a manuseia. Por fim, Luc Ferry (1994), problematiza a redução do belo a uma simples preferência pessoal "sempre a questão

‘o que é para mim’”, e defende a urgência de cultivarmos critérios estéticos próprios, para além dos padrões convencionais

Na segunda etapa da pesquisa, foi realizado o desenvolvimento dos protótipos dos totens fotográficos. Esses equipamentos serão concebidos como suportes físicos e simbólicos que promovem a articulação entre infância, arte e cidade, funcionando como propostas educativas sensíveis no espaço urbano.

Com essas bases teóricas e metodológicas estabelecidas, segue-se agora para a discussão do papel da fotografia na sociedade contemporânea, em especial no vínculo entre imagem, mídias sociais, cultura e infância.

2 PLANO MÉDIO - A FOTOGRAFIA NA SOCIEDADE DAS MÍDIAS DIGITAIS

Como já mencionado, este estudo reconhece as múltiplas facetas da fotografia, mas concentra-se especialmente em sua dimensão artística. Nesse contexto, é necessário rememorar que a consolidação da fotografia como forma de expressão estética percorreu um longo caminho. Não apenas no reconhecimento conceitual de seu valor como arte, mas também no aperfeiçoamento dos dispositivos de captura. Fath (2020) ilustra com clareza esse processo nos seguintes trechos:

Grande parte dos primeiros fotógrafos teve passagem pela arte, principalmente, pela pintura a óleo de retratos e miniaturas, embora isso não tivesse garantido que a fotografia fosse aceita no campo artístico. À proporção que a atividade fotográfica adentrava as funções referentes à pintura, à gravura e ao desenho, crescia a oposição dentro do campo. Contudo prevaleceu o uso da fotografia como ferramenta para pintura e na documentação de obras artísticas, mesmo com os protestos articulados por parte de muitos artistas. (Fath, 2020, p. 2).

Foi a partir destes grupos que buscavam contrapor a afirmação de que uma imagem tecnológica não poderia ser arte, que a partir da década de 1890, surge o pictorialismo, uma corrente que busca conferir à fotografia o mesmo status artístico das demais artes visuais. De forma bastante ousada, seus defensores passaram a ver na imagem fotográfica não um mero apoio à pintura, mas uma criação própria e independente, dotada de valor estético autônomo, como comenta a autora.

Com o avanço destes movimentos ao longo do século XX e, especialmente, na virada para o século XXI, a fotografia conquistou definitivamente seu lugar no circuito das belas artes, ocupando espaços antes restritos à pintura e à escultura (Rouillé, 2009). Ao mesmo tempo, a popularização das câmeras digitais, primeiro nas mãos de

hobistas e, depois, integrada aos *smartphones*, transformou o ato de fotografar em prática massiva, acessível a legiões de novos “autores visuais”.

Na era digital, o ditado “uma imagem vale mais que mil palavras” ganha contornos quase literais, em um único clique, cada indivíduo pode comunicar, compartilhar e inscrever sua própria visão de mundo. No entanto, é justamente nesse cenário de hiper produção e circulação irrestrita de imagens que arrisca-se dizer: se instaura uma das maiores crises no reconhecimento da fotografia enquanto arte.

O vasto acervo imagético, que inclui registros documentais, expressões poéticas, produções artísticas e capturas mecânicas, é consumido em escala massiva nas plataformas digitais, muitas vezes descontextualizado de sua intenção original. Diferentemente das galerias, museus e demais espaços consagrados à fruição estética, fatalmente e historicamente inacessíveis a grande parcela da população, as mídias sociais se tornaram o palco principal da visualidade contemporânea. Além disso, essa ampliação de acesso não vem necessariamente acompanhada de uma mediação crítica ou sensível.

Como sugere Sontag (2004), ao transformar tudo em imagem, a fotografia também transforma tudo em objeto de consumo, contribuindo para a estetização do cotidiano em detrimento da reflexão crítica. Dentro das interações das mídias sociais fortemente egocêntricas e da fortíssima influência de seus algoritmos, a produção imagética em massa não apenas desloca a imagem de seu contexto original, mas também esvazia sua potência simbólica. Destaca-se, nesse sentido, o exemplo da *selfie*. Este formato de fotografia atingiu tamanha proporção que, em 2013, aproximadamente um milhão de selfies eram publicadas diariamente em todo o mundo, como bem compila os dados do artigo *online*, publicado pelo Instituto Humanitas Unisinos ainda em 2014.³

À primeira vista, poderia-se supor que as crianças estariam “protegidas” desse empobrecimento visual-artístico, uma vez que muitas dessas plataformas digitais possuem restrições etárias. No entanto, a realidade já é outra, desde muito cedo, elas estão imersas em ambientes imagéticos saturados, acessando conteúdos, reproduzindo gestos e assimilando padrões estéticos que nem sempre favorecem a sensibilidade ou a criatividade.

³ Artigo: A era selfie, disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/535115-a-era-selfie>.

Figura 1: Matéria em jornal on-line acerca do acesso à redes sociais por crianças e jovens

CORREIO BRAZILIENSE Brasil

Um estudo divulgado nesta quarta-feira (23/10) revelou que 93% das [crianças e adolescentes brasileiros têm acesso à internet](#) e, dentro desse percentual, 83% têm perfis em plataformas digitais, como Whatsapp, Instagram, TikTok e YouTube. Apesar das plataformas não permitirem que menores de 13 anos façam contas nas redes sociais, 60% de crianças entre 9 e 10 anos possuem perfis na internet.

Fonte: Correio Braziliense⁴

Nesta mesma matéria, publicada por Maria Beatriz Giusti em 2024 no site do jornal Correio Braziliense, encontram-se mais informações relevantes:

Os dados são da pesquisa *TIC Kids Online Brasil 2024*, do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). “[...] Conforme as idades vão evoluindo, o percentual com perfil em pelo menos uma rede social também sobe. Entre crianças de 11 e 12 anos, o percentual é de 70%. Entre adolescentes de 13 e 14 anos, o número cresce significativamente, com 93% dos jovens com perfis. E, entre 15 e 17 anos, o uso das redes sociais é quase obrigatório, com 99% dos adolescentes com pelo menos uma conta em redes sociais.

Compreendendo, portanto, como apontam os dados supracitados, que as crianças estão cada vez mais imersas nessas realidades virtuais, assim, torna-se fundamental refletir sobre formas de deslocamento desse consumo passivo de imagens. A produção fotográfica, nesse sentido, pode funcionar como dispositivo potente na educação estética, artística e sensível do olhar.

Ao criar suas próprias imagens, a criança é convidada a sair do lugar de espectadora e assumir o papel de autora, exercitando a sensibilidade, a curiosidade e a construção de sentidos próprios diante do mundo, para além dos contextos das mídias sociais.

3 PLANO AMERICANO - AQUELE QUE FOTOGRAFA

Partindo dos pressupostos já desenvolvidos neste escrito, compreende-se que a fotografia é uma entre as inúmeras formas de expressão artística. Ao escolher o que incluir ou excluir do enquadramento, ajustar a luz, alterar ângulos ou trocar lentes,

⁴ Matéria: 93% das crianças e adolescentes no Brasil têm acesso à internet, diz estudo, disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2024/10/6971543-97-das-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tem-acesso-a-internet-diz-estudo.html>.

quem fotografa revela uma intenção e uma leitura exclusiva da realidade. É nesse gesto de composição que se funda a potência estética da fotografia enquanto arte.

Esta potência tem grande importância na Educação do sujeito, dado que a dimensão da sensibilidade estética acompanha a experiência humana ao longo dos séculos.

Qualquer um que examine a História da Filosofia desde o Iluminismo será tocado pela curiosa prioridade atribuída às questões estéticas. De Kant, cuja estética propõe uma conciliação entre a natureza e a humanidade; passando por Hegel, que lhe dedica um tratado considerável; Nietzsche, em que a experiência estética representa uma forma suprema do valor; incluindo as alusões de Marx à literatura mundial, combinando com a confissão de Freud, de que os poetas disseram tudo antes dele; como também o legado do marxismo ocidental, de Lukács a Adorno, que “dedica à arte um privilégio teórico surpreendente, à primeira vista, em uma corrente de pensamento materialista. (Eagleton, 1993, p.7).

Embora a fotografia possa assumir distintos propósitos, é na sua dimensão artística que a sensibilidade estética não apenas aparece, mas torna-se imprescindível. Fotografias produzidas nesta intenção transbordam lirismo, provocam reflexões e multiplicam sentidos. É uma dinâmica que exige daquele que cria a imagem um exercício de percepção, e daquele que a contempla, a ativação de suas faculdades sensíveis “[...] toda contemplação é experiência do olhar do sujeito em direção ao objeto artístico [...] Portanto, contemplar é desejar o objeto artístico, possuí-lo, mantê-lo no pensamento, na imaginação, manifestado em nossa vontade, na sensibilidade.” (Santos Filho, 2008, p. 7).

A fotografia, enquanto linguagem visual, tem ainda a singular capacidade de comunicar mesmo “antes da palavra”. Por isso, torna-se um meio especialmente fecundo para o florescer da sensibilidade estética nas crianças, já que oferece a elas uma possibilidade expressiva acessível, anterior à escrita formal e fluente.

Agora, volte-se para aquele que fotografa, “[...] o aparelho fotográfico aparece como um dispositivo vazio que depende do seu operador para destinar suas produções para este ou aquele espaço discursivo.” (Almeida, 2015, p. 69). Assim, este vazio só se torna arte quando preenchido pela visão e pela escolha do operador. Conforme Sontag (2007), “o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça - como uma antologia de imagens.” (p. 13). Ademais, “[...] a fotografia proporciona um sistema especial de revelação: que nos mostra a realidade como não a víamos antes” (*ibidem*, p. 135).

Diante de tamanha potência subjetiva, faz-se evidente que a fotografia ultrapassa o mero campo técnico para se revelar num espaço de aprendizagem sensível. Nesse sentido, cabe pensar a fotografia não apenas como atividade criativa, mas como prática educativa.

Ao manusear a câmera, a criança descobre que perscrutar um detalhe: a textura de uma folha, a curvatura de um rosto ou o brilho efêmero de uma poça d'água, implica (re)visitar o mundo com curiosidade renovada. Esse exercício, distanciado do “clique automático” das mídias sociais. Convida a gestos intencionais, como escolher o momento do disparo, negociar enquadramentos inusitados, testar contrastes e sobreposições. Cada imagem produzida transforma-se, então, em um convite ao diálogo interior, em que a criança pratica não só a observação, mas a interpretação e a narração de sua própria experiência. Neste âmbito, Hermann (2010, p. 15) contribui ao comentar que “o que põe em movimento esse outro lado da razão - o sentimento, a sensibilidade, as emoções e o corpóreo - é a experiência estética.”

Ademais, quando este gesto é orientado para os espaços cotidianos, a fotografia se converte em instrumento de escuta e ampliação da percepção. Aquilo que antes parecia invisível, banal ou sem valor passa a ser visto com outros olhos.

Essa perspectiva nos conduz, inevitavelmente, à próxima discussão deste trabalho: a cidade como contexto formador artístico-educador do olhar fotográfico, espaço onde arte, infância e território se entrelaçam.

4 PLANO CONJUNTO - A CIDADE COMO CONTEXTO FORMADOR ARTÍSTICO-EDUCADOR DO OLHAR FOTOGRÁFICO

5 SERIA CONTRAPRODUCENTE DAR INÍCIO A ESTE ITEM SEM ENFATIZAR, COMO AFIRMAM MOURÃO E LOPES (2020, P. 3), QUE A EDUCAÇÃO EXTRAPOLA O ESPAÇO FORMAL DE ENSINO:

6 AS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS NÃO SE LIMITAM AOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FORMAL, TAMPOUCO ESSES ESPAÇOS DEDICADOS EXCLUSIVAMENTE À EDUCAÇÃO SERIAM CAPAZES DE FORMAR PLENAMENTE OS SUJEITOS DE SUAS AÇÕES. A EDUCAÇÃO ESTÁ PRESENTE EM TODOS OS ESPAÇOS E PODE SER OBJETO DE PRÁTICAS INTEGRADORAS, QUE INCLUAM TODOS OS SEUS MEMBROS, CONTRIBUINDO PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DOS SUJEITOS, EM TODAS AS DIMENSÕES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO.

Antes de avançar na análise da cidade como contexto formador do olhar fotográfico, é imprescindível reconhecer que a aprendizagem não se restringe às quatro paredes da escola, sobretudo num campo tão sensível quanto a fotografia. Se, por um lado, a instituição escolar oferece vida e saberes fundamentais, por outro, os ambientes urbanos funcionam como verdadeiros “laboratórios estéticos”. Essa ampliação de cenários educacionais está em consonância com os documentos normativos de nosso país, como por exemplo as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular que orienta práticas pedagógicas integradas a múltiplos contextos socioculturais (Brasil, 2018).

Assim, é possível refletir sobre a perspectiva da cidade como contexto formador artístico-educador do olhar fotográfico. Já que a fotografia artística pressupõe o olhar atento, é desejo deste estudo destacar a cidade como um exímio espaço para este exercício. Há lugar melhor para o despertar da sensibilidade do que aquele que já nos é banal? Assim como comentado anteriormente, a resposta a esse questionamento implica (re)visitar o mundo com curiosidade renovada. Também, a efemeridade destes espaços não pode ser esquecida, afinal, os espaços urbanos são mutáveis, mudam suas formas, seus usos, seus significados. Muros são pintados, prédios são demolidos, paisagens são redesenhadas por novas construções, fluxos e ausências.

Além disso, não apenas a sensibilidade estética será despertada, mas também diversas percepções sociais que pulsam no tecido urbano, já que “O espaço público representa a própria sociedade presente nas cidades. A cidade é um produto da natureza humana, ela representa nas suas formas e na sua dinâmica a sociedade que ali vive, seus valores e sua cultura.” (Mourão e Lopes, 2020, p. 4).

Ademais, ao ampliar o olhar para a cidade como campo artístico-educador, é preciso destacar o valor dos espaços históricos como territórios simbólicos que concentram memórias coletivas, identidades locais e camadas temporais que podem ser reativadas pela sensibilidade fotográfica. Para as crianças, esse contato sensível com a cidade e sua história é ainda mais significativo. Em um cotidiano no qual o acesso à compreensão do passado é frequentemente restrito a narrativas formais e distantes, a fotografia surge como meio acessível, afetivo e criativo de aproximação. Assim, fotografar o patrimônio torna-se também uma forma de habitá-lo, de torná-lo seu.

Desse modo, compreende-se que a experiência fotográfica pode ser redirecionada para diferentes focos, ora voltada a elementos do cotidiano urbano, ora

intencionada ao resgate sensível de espaços históricos. O fotografar artístico, em sua essência, não se limita a um único objeto ou tema. Ele é, antes, um exercício de atenção, escuta e criação diante do mundo. Trata-se de um campo vasto de possibilidades expressivas que, ao ser experimentado pelas crianças, amplia sua percepção estética e sua relação com o espaço que habitam. Contudo, ao reconhecer a potência educativa dos bens patrimoniais e a necessidade de ressignificá-los na infância, o próximo capítulo se dedicará a apresentar uma abordagem prática que alinha sensibilidade artística, linguagem fotográfica e valorização do patrimônio histórico.

7 CLOSE-UP - NA PRÁTICA

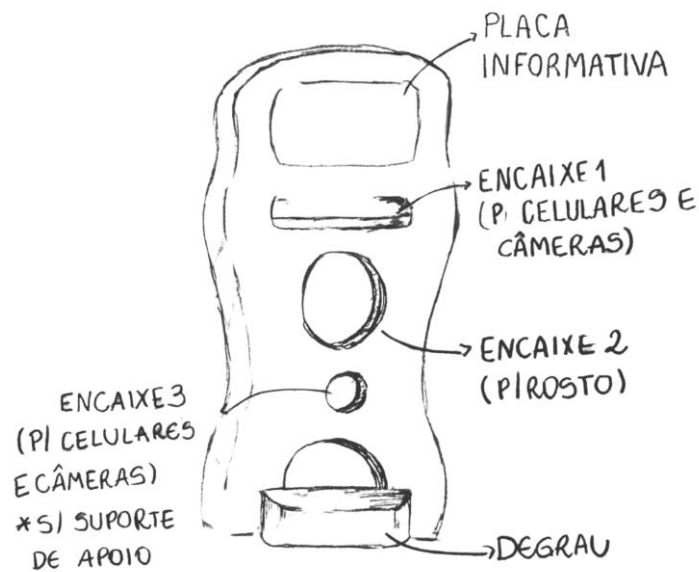
Considerando todo este arcabouço teórico e tendo a cidade Erechim-RS, local que a presente autora reside, palco deste estudo e sede do referido programa de pós-graduação a qual este pesquisa final de curso será apresentado, propõe-se, neste capítulo, a descrição detalhada de uma prática que visa integrar arte, sensibilidade e patrimônio. A criação de totens fotográficos públicos, posicionados estrategicamente diante de pontos históricos da cidade.

Imagine percorrer as ruas de Erechim e, de repente, ser convidado a pausar na frente de uma estrutura que aponta o seu olhar para detalhes que você jamais notou.

Esses totens funcionarão como equipamentos interativos e contemplativos, convidando o passante, criança ou adulto, a uma pausa, a um reencontro com o lugar que, de tão familiar, já não provoca o olhar. Cada totem será construído com sua estrutura interna de perfis tubulares de alumínio, e externa *Solid Surface*.

O design prevê dois encaixes circulares: o inferior, fixado à altura média de uma criança, serve de apoio para queixo ou testa e guia o campo de visão; o superior, alinhado para acomodar um *smartphone* ou câmera fotográfica, garante enquadramentos estáveis e precisos (Figura 1).

Figura 1: Croqui do totem fotográfico proposto, com indicação dos encaixes, placa informativa e degrau de apoio.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para que os usuários mais baixos alcancem o encaixe inferior com segurança, um degrau integrado à própria base do totem os eleva suavemente, promovendo a autonomia e o conforto sem interferir no projeto estético. Além da placa de identificação, com um breve texto histórico e cultural sobre o ponto em foco há um “mapa do circuito” com a indicação dos outros totens instalados na cidade, estimulando o itinerário fotográfico (Figura 2).

Ao reunir elementos estruturais funcionais e recursos textuais estratégicos, os totens propostos transformam o ato de fotografar em uma prática acessível, orientada e intencional. Mais do que uma atividade estética, a experiência proporciona uma oportunidade concreta de mediação entre sujeito e espaço urbano, incentivando a observação, a valorização do patrimônio e o engajamento ativo com a cidade. A interação com o equipamento, do posicionamento no banquinho à leitura da contextualização histórica, oferece um percurso que estimula a atenção, o pertencimento e a construção de sentidos.

É neste quadro plural, heterogêneo, até incerto, que pensamos que a competência da sensibilidade estética e artística, o seu aguçamento, distensão e alargamento através da imaginação, pode auxiliar os nossos alunos no desenvolvimento de competências pessoais, sociais e cosmopolitas, cuidando de si e dos outros, respeitando as diferenças, com os olhos postos ainda no presente, mas com vista ao futuro. (Vilares, 2021, p.9).

Figura 2: Renderização do protótipo do totem fotográfico proposto.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Sugere-se, de início, três estruturas interativas, a primeira, na Praça da Bandeira, defronte à Prefeitura Municipal de Erechim, alinhada ao famoso chafariz em conjunto com a fachada e sobrado neoclássico do prédio público em questão. A segunda, junto ao Castelinho, enquadrada ao jogo de volumes em madeira clara e das janelas em arco. A terceira, no pátio da antiga Estação Ferroviária, orientada ao olhar para a plataforma de pedra batida, o beiral alongado sustentado por colunas de madeira e os remanescentes trilhos, evocando as memórias de transporte e encontro que moldaram o desenvolvimento urbano.

Pode-se refletir então, que o protótipo cumpre o seu objetivo central, fomentar, de forma prática e educativa, o desenvolvimento da sensibilidade estética no espaço público, com ênfase na relação entre infância, arte e memória urbana.

É imprescindível finalizar este capítulo retomando o suporte teórico que os autores/as escolhidos/as para o arcabouço desta pesquisa concederam à construção da proposta. Susan Sontag (2007) oferece a base para compreender a fotografia como um modo singular de revelar o mundo e ampliar a percepção do cotidiano, ideia fundamental quando se propõe olhar a cidade com novos olhos. Já Nadja Hermann (2010) contribui ao destacar que a experiência estética mobiliza sentimentos, emoções e sensações corporais, aspectos essenciais ao se pensar na sensibilidade despertada quando a criança fotografa o espaço urbano. A noção de “dispositivo

vazio” trazida por Juliana Almeida (2015) foi decisiva para compreender que o ato fotográfico só ganha sentido educativo e artístico quando há intenção, autoria e escuta visual, elementos centrais nos totens propostos. Por fim, Luc Ferry (1994) reforça a urgência de desenvolver critérios estéticos próprios, indo além dos gostos impostos pelas mídias, o que sustenta a ideia de promover, nas crianças, a construção de um olhar singular sobre o patrimônio e a paisagem da cidade. Assim, a proposta prática delineada neste capítulo articula teoria e ação, e abre caminho para os desdobramentos reflexivos apresentados nas considerações finais.

8 O RETRATO FINAL - CONSIDERAÇÕES E DESDOBRAMENTOS

Este estudo nasce do incômodo provocado pela banalização da fotografia na sociedade digital e do desejo de reencantar o olhar, especialmente o das crianças, diante um mundo saturado de estímulos visuais. Ao longo do percurso teórico, compreende-se a fotografia não apenas como uma tecnologia de registro, mas como expressão artística-educativa e forma de expressão sensível. Na medida em que as mídias sociais se consolidam como palco central da produção e do consumo imagético, a experiência estética vem sendo esvaziada de profundidade, reduzida a filtros, algoritmos, métricas e repetições. Nesse contexto, resgatar a potência da fotografia como arte e como prática formadora estética torna-se não só necessário, mas urgente.

A proposta aqui desenvolvida, de criação e instalação de totens fotográficos em pontos históricos de Erechim–RS, surge como resposta concreta a esse desafio. Ao integrar olhar, corpo, memória e cidade, os totens não apenas convidam à pausa e à contemplação, como também estimulam o exercício da autoria e da sensibilidade estética em meio ao espaço público. A criança, ao manipular o equipamento, não apenas observa, mas interage, escolhe, enquadra e narra. E ao fazê-lo, não apenas aprende sobre a cidade, aprende sobre si, sobre o tempo, sobre a potência de ver com profundidade.

Cabe destacar que este projeto e sua prototipagem foram desenvolvidos como parte do trabalho final da pós-graduação lato sensu em Processos e Produtos Criativos e suas Interfaces, ofertada pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Sua realização não pretende encerrar o debate, mas abrir caminho para novas investigações e aplicações possíveis, dentro e fora da escola, com crianças e

adultos, em outras cidades, espaços e territórios. Afinal, educar o olhar é também educar para a presença, para o afeto e para a construção coletiva de sentidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. G. M. **60/70: as fotografias, os artistas e seus discursos**. Curitiba: Juliana Gisi Martins de Almeida, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018

Fath, T. C. D. S.. **O processo de legitimação da fotografia no campo da arte e sua repercussão na Bahia**. [Tese de mestrado]. Universidade Federal da Bahia - Escola de Belas Artes, Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33005/1/Tese%20A%20Legitima%C3%A7%C3%A3o%20da%20Fotografia%20no%20Campo%20da%20Arte%20e%20sua%20repercuss%C3%A3o%20na%20Bahia.pdf> Acesso em: 18 abr. 2025.

EAGLETON, T. **A Ideologia de estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

FERRY, L. **Homo aestheticus: a invenção do gosto na era democrática**. São Paulo: Ensaio, 1994.

SANTOS FILHO, A. S. Razão e sensibilidade: ver imagem, pensar o mundo. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 33, n. 1, p. 127–142, 2008. DOI: 10.5216/ia.v33i1.4250. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/4250>. Acesso em: 12 abr. 2025.

GIUSTI, M. B.. 93% das crianças e adolescentes no Brasil têm acesso à internet, diz estudo. **Correio Braziliense**, Brasília, 23 out. 2024. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2024/10/6971543-97-das-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tem-acesso-a-internet-diz-estudo.html>. Acesso em: 10 maio 2025

HERMANN, N. **Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

KANT, I. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

KIRST, P. B. A. G.. **Transfotografia: o pixel em multidão**. 2010. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/24683>. Acesso em: 10 maio 2025

MARCELLO, F. A.. O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 199–213, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/download/25426/14752/96666>. Acesso em: 10 maio 2025.

MOURÃO, A. R. T.; LOPES, C. V. A. A cidade como espaço de educação ampla e práticas educativas integradoras. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v. 9, n. 3, p. 27–40, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/interfaces/article/view/8356>. Acesso em: 12 abr. 2025.

ROUILLE, A. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

SONTAG, S.. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das letras, 2007

VILARES, A. C. N.. **Educação filosófica e desenvolvimento social: como recuperar a sensibilidade estética e artística para habitar eticamente a cidade?** 2021. Relatório de estágio (Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2021. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/2d6e9d09b8308a02cd58898f5ef0b215/1?cbl=2026366&diss=y&pq-origsite=gscholar>. Acesso em: 12 abr. 2025.